



ABRIL INDÍGENA

PROGRAMAÇÃO DO MÊS
2019

ABRIL INDÍGENA NO MUSEU PARANAENSE

Gabriela Bettega,
diretora do Museu Paranaense



CAPA Homem adornado com diadema plumário (pariko) onde estão fixados grandes alfinetes-da-cabeleira emplumados (kurugugwa ekuréu). Aldeia Bayamoga, rio São Lourenço, Mato Grosso, 1956–57. Fotografia de Vladimir Kozák: Acervo Museu Paranaense

↑ Rapaz kaingang demonstrando o uso de arco e flecha. Terra Indígena Ivaí, municípios de Manoel Ribas e Pitanga, Paraná, sem data. Fotografia de Vladimir Kozák: Acervo Museu Paranaense

As mitologias são corpos de representação cuja função consiste menos em explicar racionalmente o mundo do que motivar os homens para viver e amar a vida.¹

O mês de abril tem se constituído como um período para marcar a devida reverência aos nossos povos originários.

A programação do Abril Indígena organizada pelo Museu Paranaense contempla uma série de atividades, entre mesas-redondas, projeção de material audiovisual, práticas educacionais e apresentações protagonizadas por representantes de diferentes etnias indígenas. As ações que marcam essa comemoração pretendem, por meio do encontro, aproximar os participantes das crenças e valores das populações indígenas, evidenciando a importância de mudar sem perder a raiz e de preservar essas culturas.

Durante séculos, os indígenas resistiram a várias formas de dominação e desenvolveram estratégias para adaptar-se às condições mais adversas sem perder a dignidade. Se a cultura é a lente através da qual o homem vê o mundo, herdamos dos indígenas o desejo de beleza, provindo de sua vontade de perfeição ao pintar o corpo, modelar um vaso ou trançar um cesto, imprimindo em cada peça de seu trabalho a expressão de quem a fez. Esperamos que as atividades programadas pelo museu ponham foco na sabedoria milenar dos nossos povos originários.

¹ RIBEIRO, Darcy. Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. p. 379.

APRESENTAÇÃO GRUPO TOWÊ FULNI-Ô

O Museu Paranaense recebe a visita de representantes do povo indígena Fulni-ô, do município de Águas Belas, situado no sertão pernambucano. Há mais de dez anos este grupo, formado por 5 guerreiros liderados por Towé Veríssimo, vem a Curitiba para divulgar sua cultura, por meio de apresentações de danças e cantos, rodas de conversa, pintura corporal e venda de objetos utilitários e adornos. Os Fulni-ô são o único grupo do nordeste que conseguiu manter viva a sua língua, o la-tê, bem como o sigiloso ritual Ouricuri realizado anualmente entre agosto e outubro.

Apresentações, exposição e venda de artefatos

11 de abril, em dois horários: 10h e às 15h

Local: Museu Paranaense



← Mulher kaingang carregando o filho nas costas enquanto trança uma faixa de taquara para confecção de chapéu. Terra Indígena Ivaí, Municípios de Manoel Ribas e Pitanga, Paraná. Fotografia de Vladimir Kozák, Acervo Museu Paranaense.

CURSO CULTURA E LÍNGUA KAINGANG

Promovido pelo Museu Paranaense, o curso de Língua e Cultura Kaingang será ministrado pelo pedagogo Florêncio Rekayg Fernandes, indígena nascido na Terra Indígena Rio das Cobras no município de Nova Laranjeiras, Paraná.

A responsável pelo Setor de Antropologia da instituição, Maria Fernanda Maranhão, explica que 2019 é o Ano Internacional das Línguas Indígenas celebrado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), com ações voltadas para a preservação, revitalização e promoção das línguas indígenas no mundo. “Dentro desta perspectiva de conscientização da população para o direito dos povos originários à sua diversidade linguística e cultural, oferecemos este curso para que o público em geral possa se aproximar deste universo tão pouco conhecido pelos paranaenses”, afirma a pesquisadora.

Indígena kaingang, Florêncio Rekayg Fernandes ministrou vários cursos para professores indígenas e não indígenas das escolas indígenas do Estado. “Acredito que as minhas iniciativas de valorização e fortalecimento da cultura kaingang para a sociedade não indígena só vêm a contribuir no combate ao preconceito, valorizando sempre o trabalho coletivo e as práticas do meu povo”, comentou.

Desde os primeiros contatos com a escola, Florêncio sentiu necessidade de se aprofundar e adquirir conhecimento dos não indígenas para conseguir contribuir com o seu povo.

Por orientação de professores não indígenas e das próprias lideranças indígenas, Florêncio teve a oportunidade de dar aulas na mesma escola onde estudou na infância. E desde então, conta, não parou mais. É formado em Pedagogia (UNICS), com especialização em Gestão Escolar, Supervisão Escolar e Orientação Educacional (FICA), mestre em Educação (UEM). Atualmente é doutorando em Antropologia na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e coordenador pedagógico na Educação Básica pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná.

Curso de Introdução à Língua e Cultura Kaingang com Florêncio Rekayg Fernandes

03 de abril a 26 de junho, às quartas-feiras, 17h às 19h

Carga Horária: 24 horas

Inscrições no site do museu: museuparanaense.pr.gov.br

Taxa: R\$ 10 (pagamento no início do curso. Isenção para indígenas, estudantes da rede pública e cotistas)

Local: Auditório Loureiro Fernandes

DEBATE ARTE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA

O evento *Arte indígena contemporânea em foco* propõe debater e apresentar a estética ameríndia com mesa-redonda, saraú poético, exposição e exibição de filme.

A professora Ana Elisa de Castro Freitas, coordenadora do Grupo PET Litoral Indígena/UFPR e idealizadora do evento e curadora da exposição, explica que essa é uma introdução ao campo da arte indígena contemporânea. “Reunidos em mesa-redonda, pesquisadores e estudantes indígenas apresentam e apreciam obras e performances de artistas indígenas contemporâneos, analisando sua atuação em contextos artísticos, culturais, sociais, ambientais e políticos da atualidade. Temas como autoria, poética, agência, corpo, processos de criação, materiais, conceitos e ambientes de circulação da arte indígena contemporânea são abordados na comunicação”.

O Grupo PET Litoral Indígena reúne 12 bolsistas pertencentes a diversas etnias indígenas e regularmente matriculados em vários cursos de graduação da UFPR.

As atividades são promovidas pelo Museu Paranaense e pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) no dia 10 de abril. O evento é gratuito e as inscrições estão abertas.

O evento é dividido em dois momentos: às 14h, será formada a roda de prosa dialogada, em que os palestrantes apresentam imagens, audições e audiovisuais relacionados à arte indígena. Esta roda se desdobra em saraú poético, com leitura dramática, performance e intervenções artísticas até as 17h30.

A mesa-redonda será composta por pesquisadores e acadêmicos indígenas do Grupo PET Litoral Indígena/UFPR; pela pesquisadora-docente e tutora do Grupo PET Litoral Indígena/UFPR, Ana Elisa de Castro Freitas; pela consultora da UNESCO/IPHAN e pesquisadora convidada pelo LaID/Laboratório de Interculturalidade e Diversidade do Setor Litoral da UFPR, Damiana Bregalda; e pela antropóloga do Museu Paranaense, Maria Fernanda Campelo Maranhão.

O segundo momento inicia às 18h30 com a exibição do filme *Euller Miller — entre dois mundos*, de Fernando Severo. Ao término da exibição, o diretor e o protagonista Euller Miller — estudante indígena kaiowá matriculado no curso de Odontologia da UFPR e bolsista no Grupo PET Litoral Indígena/UFPR — fazem um bate-papo com o público presente.

Durante todo o evento os participantes poderão conferir a exposição com obras de arte do artista indígena Jaider Esbell.



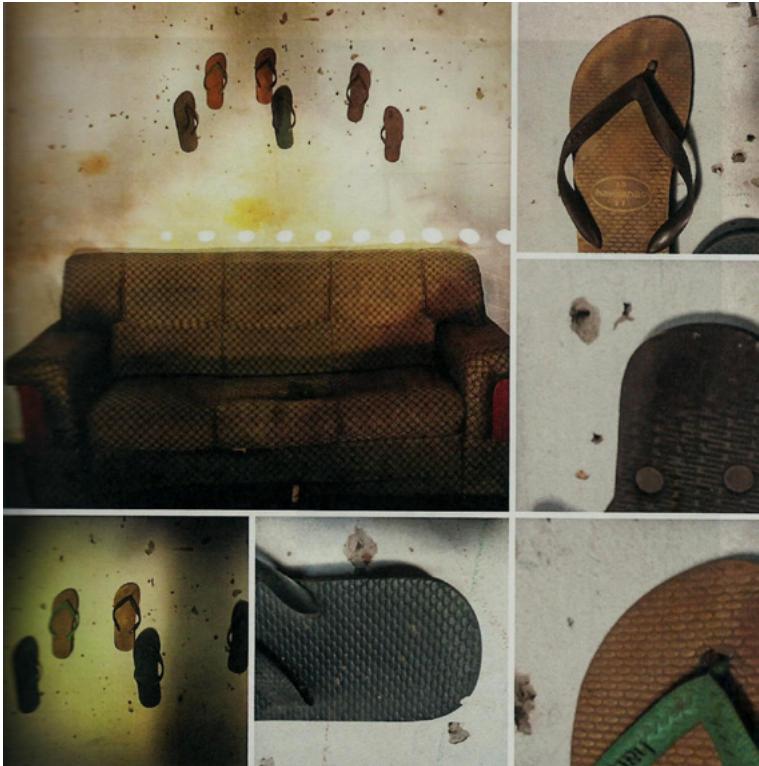
Fragments of Denilson Baniwa's action at the São Paulo Biennial, 2018. Source: Damiana Bregalda.

Arte Indígena Contemporânea em foco

10 de abril, das 14h às 21h

Inscrições gratuitas no site do museu: museuparanaense.pr.gov.br

Local: Auditório Loureiro Fernandes



↑ Fotografias e ação de Naine Terena “Quem roubou essas memórias? Quem roubou essas almas?”
Em 1500, existiam cerca de 5 milhões de indígenas no Brasil. Hoje, eles não passam de 850 mil. Em 2014, 138 índios foram assassinados e 135 cometiveram suicídio.
Fonte: Naine Terena, Catálogo Dias de Estudo da 32ª Bienal de São Paulo, 2016.

→ Ailton Krenak na Assembléia Nacional Constituinte em 1987.
Fonte: Documentário “Índio Cidadão?” de Rodrigo Siqueira, 2014.

ARTE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA NAS BIENALS DE SÃO PAULO, UM HORIZONTE ABERTO

Damiana Bregalda

A presença indígena nas três últimas edições da Bienal de São Paulo é tomada como espaço de emergência de outros modos de conceber arte e vida, de reescrita e reinscrição de sujeitos apagados da História. Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Naine Terena, Denilson Baniwa e Aníbal Lopez, entre outros nomes, estiveram presentes nesta mostra de arte.

“A história da arte é a história da arte do ocidente”, diz Ailton Krenak (2016). “A natureza da arte é ser transformadora. O que eu vejo é a limitação da ideia de arte que o ocidente consagrhou”. A 32ª Bienal de São Paulo “abriu frestas para outros paradigmas, como o pensamento mágico, pensamento indígena, do xamã, que dialoga em outros termos” (Krenak, 2016).

Diante da falência do modelo de pensamento e vida hegemônicos, os povos indígenas têm sido acionados como propositores de alternativas aos dilemas que se apresentam. Krenak refere-se ao desastre de Mariana de 2015 (que se repete em Brumadinho em 2019) como uma ação calamitosa, que foi capaz de apagar de nossas paisagens até mesmo um rio. Frente a tudo isso, como agir e seguir caminhando sobre a terra? Ailton Krenak e Davi Kopenawa convidam a um outro modo de pisar sobre a terra, imbuídos de uma ética da terra-planeta, entendida como entidade viva.



O RENASCIMENTO DE MAKUNAIMA NA ARTE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA

Ana Elisa de Castro Freitas

Estamos na segunda década do século XXI — a arte está na desordem do dia. É tempo de Makunaima revolver as poeiras modernas e instaurar o instante. Quase um século após a publicação de *Macunaíma, um herói sem nenhum caráter*, de 1928, do autor Mário de Andrade, Makunaima renasce na obra de literatura e arte de Jaider Esbell, artista makuxi que integra o movimento de vanguarda da arte indígena contemporânea no Brasil, ao lado de Denilson Baniwa, Naiara Tukano, Naine Terena, Ailton Krenak, entre outros.

Pleno das potências ancestrais, Jaider é tomado pelas imagens fabulosas do universo onírico de seu avô Makunaima, expandindo o horizonte da arte indígena na contemporaneidade. Do caldo de dissolução do tempo, sua obra de arte remove cuidadosamente “os olhos penosos do mundo e os direciona para a natureza”, como um “guerreiro do inconformismo”, revelando “aos donos de cada coisa a alma-espírito de cada coisa”. Com ele, “voltamos a entrar pelas mesmas portas abertas” e “acontecemos”.

Jaider da Silva Esbell (1979, Normandia, Roraima) iniciou seu percurso artístico durante sua infância na Pan Amazônia, em espaços que hoje integram a Terra Indígena Raposa Serra do Sol. No final da década de 1990, entrelaçou a criação artística ao ativismo de resistência dos povos indígenas no extremo norte, estendendo sua territorialidade ao espaço urbano de Roraima, onde fundou a Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporânea. Enunciada em primeira pessoa, ora no plural, ora no singular, a obra de Jaider Esbell revela os contornos do sujeito coletivo ameríndio. Sua produção abarca poesia, fotografia, vídeo, literatura, performance, produção cultural e arte-educação. A exposição “Transmakunaima: o buraco é mais embaixo” (Brasília, Memorial dos Povos Indígenas, 2018), reúne um conjunto de telas e desenhos que sintetizam o (re)nascimento de Makunaima e seu universo onírico por Jaider Esbell.

Referências

- Freitas, Ana Elisa de Castro. Apresentação. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 19, n. 46, p. 05-10, jan/jul, 2018.
ESBELL, Jaider. Meu Avô Makunaima em Mim. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 19, n. 46, p. 11-39, jan/jul, 2018.



JAIDER ESBELL
O parto de Makunaima, 2018
Acrílica e marcador à base d'água sobre tela
Coleção particular

ENGLISH VERSION

Indigenous April at Museu Paranaense
—Gabriela Bettiga,
Director of Museu Paranaense

Mythologies are bodies of representation whose role consists less of explaining the world rationally than motivating men to live and love life¹

The month of April has been established as a period to highlight our reverence for our indigenous peoples.

The Indigenous April program organized by Museu Paranaense includes a series of activities such as roundtable discussions, screening of audiovisual material, and presentation of educational resources, featuring a number of representatives of indigenous groups of different ethnicities. The showcased material, presented as celebration, is intended, throughout the gathering, to bring the participants closer to the values and beliefs of the indigenous populations. The importance of change that does not abandon roots and promotes the preservation of these cultures is emphasized.

Over the course of the centuries, Brazilian indigenous peoples resisted numerous forms of domination and developed strategies to adapt to adverse conditions without losing their dignity. If culture is the lens through which humankind sees the world, we inherit from the indigenous people the desire for beauty, originating in their will to seek perfection while painting the body, shaping a vase or weaving a basket. Upon each piece of work is imprinted the expression of he or she who made it. It is our hope that the activities programmed by the Museum shed light on the millennial wisdom of our first peoples.

1 RIBEIRO, Darcy. Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. p. 379

Towé Fulni-ô Group Presentation
Museu Paranaense welcomes, as part of the Indigenous April program, the visit of representatives of the Fulni-ô indigenous people, from the municipality of Águas Belas, located in the backlands of Pernambuco. For more than ten years this group, formed by

five warriors led by Towé Veríssimo, comes to Curitiba to spread their culture through dance and singing presentations, story-sharing circles, body painting and the sale of utilitarian objects and adornments.

The Fulni-ô are the only group from the Northeast that managed to keep alive their language, the la-tê, and the secretive Ouricuri ritual, held annually between August and October.

Presentations, exhibition and sale of artifacts

April 11, at two times: 10am and 3pm, at Museu Paranaense.

Kaingang Culture and Language course

The Kaingang Culture and Language introductory course will be taught by educator Florêncio Rekayg Fernandes, an indigenous born in the Rio das Cobras Indigenous Land in the municipality of Nova Laranjeiras, Paraná.

Maria Fernanda Maranhão, head of the institution's Anthropology Department, explains that 2019 is the International Year of Indigenous Languages celebrated by the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), with actions aimed at preserving, revitalizing and promotion of the indigenous languages in the world. "Within this perspective of raising the population's awareness of the right of the indigenous peoples to their linguistic and cultural diversity, we offer this course so that the general public can approach this universe to little known to the people of Paraná", states the researcher.

Indigenous kaingang, Florêncio Rekayg Fernandes taught several courses for indigenous and non-indigenous teachers of the indigenous schools of the State. "I believe that my initiatives to valorise and strengthen the Kaingang culture for non-indigenous society only contribute to the fight against prejudice, always valuing the collective work and practices of my people", he commented.

From the first contacts with school, Florêncio felt the need to deepen and acquire knowledge of non-indigenous people in order to contribute to his people.

Through the guidance of non-indigenous professors and the indigenous leaders themselves, Florêncio had the opportunity to teach at the same school he studied as a child. And since then, he tells, he has not stopped. He holds a degree in Pedagogy (UNICS), specializing in School Management,

School Supervision and Educational Guidance (FICA) and a Masters in Education (UEM). He is currently a PhD student in Anthropology at Universidade Federal do Paraná and a pedagogical coordinator in Basic Education by the State Secretary of Education of Paraná.

Introduction to Kaingang

Culture and Language

April 3rd to June 26th, Wednesdays, 5pm to 7pm.

Time load: 24 hours

Registrations on the website:

museuparanaense.pr.gov.br

Fee: R\$10 (indigenous persons, public school students are exempt)

Venue: Loureiro Fernandes Auditorium

Contemporary Indigenous Art: debate

The event *Contemporary Indigenous Art in focus* proposes to present and discuss the Amerindian aesthetics with round-table discussions, poetry recital, art exhibit and film screening.

University professor Ana Elisa de Castro Freitas, coordinator of the Coastal Campus Indigenous Tutorial Education Program Group (PET), creator of the event and curator of the exhibition, explains that this endeavor is meant as an introduction to the field of contemporary indigenous art. "Gathering around round-tables, indigenous researchers and students present and appreciate artwork and performances from contemporary indigenous artists, analyzing their work in artistic, cultural, social, environmental and political present contexts. Subjects such as authorship, poetics, agency, body, creative process, materials, concepts and the fields of circulation of contemporary indigenous art are discussed".

The Coastal Campus Indigenous Tutorial Education Program Group (PET) is made up of 12 scholarship holders from a variety of indigenous ethnicities who are regularly enrolled in several undergraduate programs at the Federal University of Paraná.

The activities are promoted by Museu Paranaense and the Federal University of Paraná (UFPR) on April 10th. The event is free of charge and registration is currently open. The event is divided into two parts: at 2pm, there will be a story-sharing circle, in which the speakers present images, music and audiovisuals related to indigenous art. This story-sharing circle then turns into a poetry recital with dramatic reading, performance and artistic interventions that go on until

5:30pm.

The round-table is made up of researchers and indigenous students from the Coastal Campus Indigenous Tutorial Education Program Group (PET), as well as professor, researcher and coordinator of the PET Group, Ana Elisa de Castro Freitas, UNESCO/IPHAN (National Institute of Historic and Artistic Heritage) consultant and guest researcher from the Interculturality and Diversity Laboratory from the UFPR Coastal Campus, Damiana Bregalda and Paraná Museum anthropologist, Maria Fernanda Campelo Maranhão.

The second part begins at 6:30pm with the exhibit of the film *Euller Miller—in between two worlds*, by Fernando Severo. At the end of the exhibit, the director and protagonist Euller Miller—Kaiowá indigenous student enrolled in Dentistry at the UFPR and scholarship holder through the UFPR Coastal Indigenous Tutorial Education Program—will chat with the audience.

Throughout the event the participants will be able to check the exhibition with works by indigenous artist Jaider Esbell.

Contemporary Indigenous Art in focus

April 10th, from 2pm to 9pm

Free registrations on the website:

museuparanaense.pr.gov.br

Venue: Loureiro Fernandes Auditorium

Contemporary Indigenous art in the São Paulo Biennials, an open horizon

—Damiana Bregalda

The indigenous presence in the last three editions of São Paulo Art Biennial is perceived as a necessary and urgent space in terms of other ways of conceiving art and life, of rewriting and reinserting the trajectory of subjects who have been erased from History. Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Naine Terena, Denilson Baniwa and Aníbal Lopez, among other names, are featured in this art exhibit.

"The history of art has been the history of Western art", says Ailton Krenak (2016). "Art is transforming in and of itself. As I see things, Western culture has imposed a limited idea of what art is". The 32nd São Paulo Art Biennial has "opened up possibilities for new models, for example, shamanic, magical and indigenous thought, which engage in dialogue and communicate in different languages" (Krenak, 2016).

In the face of the collapse of the hegemonic way of thinking and living, indigenous peoples have been requested to

propose alternatives to the dilemmas that confront us. Krenak refers to the Mariana disaster of 2015 (which repeats itself in Brumadinho in 2019) as a tragic event that destroyed and erased our landscapes and even one particular river. Taking all of this into consideration, how should we react, how can we continue to walk on this earth? Ailton Krenak e Davi Kopenawa present a different way of walking on earth, imbued with an ethical earth-planet perspective, in which the latter is perceived as a living entity.

Makunaima's rebirth in contemporary indigenous art

—Ana Elisa de Castro Freitas

We are currently living in the second decade of the 21st century—art is present in the chaos of our daily existence. Thus we could say, it is now time for Makunaima to stir up the dust of modernity and establish the moment. Almost a century after Mário de Andrade's *Macunaima, a hero without a character* (1928) was published, Makunaima is brought back to life in the literary work and art of Jaider Esbell, a makuxí artist who is part of the Contemporary Indigenous Art vanguard movement in Brazil, alongside Denilson Baniwa, Naiara Tukano, Naine Terena, Ailton Krenak, among others.

Imbued with ancestral power, Jaider takes inspiration from the fabulous dreamlike images of his grandfather Makunaima, expanding the horizon of indigenous contemporary art. As a result of the dissolving of time, his artwork carefully removes “sorrowful worldly eyes and directs them towards nature”, as an “unsettling warrior”, revealing “to the owners of things, the spiritual-soul of those things”. With him, “we go back through the same open doors” and “experience”.

Jaider da Silva Esbell (1979, Normandia, Roraima) began his artistic endeavors as a child in the Pan Amazon, in spaces that are currently part of the Indigenous Territory Raposa Serra do Sol. In the late 90s, he began to infuse his artwork with the activism of resistance of the indigenous peoples of the extreme north, also expanding his territory to the urban space of Roraima, where he founded the Jaider Esbell Contemporary Indigenous Art Gallery. Narrated sometimes in the first person singular and other times in first person plural, Jaider Esbell's artwork reveals the world surrounding the Brazilian indigenous collective subject. His work embraces poetry, photography, video,

literature, performance, cultural production and educational-art. The art exhibit *Transmakunaima: there's more to it than meets the eye* (Brasília, Indigenous People Memorial, 2018) brings together canvases and drawings that synthesize the (re)birth of Makunaima and his dreamlike universe, in the gaze and vision of Jaider Esbell.

References

- FREITAS, Ana Elisa de Castro. Presentation. Iluminuras, Porto Alegre, v. 19, n. 46, p. 05-10, January/July, 2018.
ESBELL, Jaider. Meu Avô Makunaima em Mim [My grandfather Makunaima in me]. Iluminuras, Porto Alegre, v. 19, n. 46, p. 11-39, January/July, 2018.

IMAGE CAPTIONS (in order)

1. COVER IMAGE Man adorned with feather headband (pariko) where large feathered alfinetes-de-cabeleira are set (kurugúwá ekuréu). Bayamogo village, São Lourenço river, Mato Grosso, 1956–57. Photography by Vladimir Kozák: Museu Paranaense Collection.

2. Young kaingang man demonstrating the use of the archery. Ivaí Indigenous Land, Manoel Ribas and Pitanga municipalities, Paraná, undated. Photography by Vladimir Kozák: Museu Paranaense Collection.

3. Kaingang woman carrying her son on her back as she braids a band of taquara for a hat. Ivaí Indigenous Land, Manoel Ribas and Pitanga municipalities, Paraná, undated. Photography by Vladimir Kozák: Museu Paranaense Collection.

4. Fragments of Denilson Baniwa's action on the 33rd Bienal de São Paulo Pavilion, 2018. Source: Damiana Bregalda

5. Naine Terena's photos and actions “Who stole these memories? Who stole these souls?”. In the 1500s, there were almost 5 million indigenous people in Brazil. Today, there are less than 850 thousand. In 2014, 138 indigenous people were murdered and 135 committed suicide. Source: Naine Terena, Days of Study Catalog of the 32nd São Paulo Art Biennial, 2016.

6. Ailton Krenak in the National Constitutional Assembly of 1987. Source: Documentary “Índio Cidadão? [Indigenous Citizen?]” by Rodrigo Siqueira, 2014.

7. Makunaima's Birth, 2018. Jaider Esbell; Technique: Acrylic and water based marker on canvas. Private collection.

FICHA TÉCNICA

Setor Educativo / Educational Division
Neusa Cassanelli
Rejane Zimmer da Costa
Sandra Mara Gutierrez

Gestão de Acervo
Collection Management
Denise Haas

Laboratório de Conservação e Restauro
Conservation and Restoration Laboratory
Esmerina Costa Luis
Deise Falasca de Moraes
Janete dos Santos Gomes

Segurança / Security
José Carlos dos Santos

Estagiários / Interns
Amanda Lima Duarte
Eduarda dos Santos Gomes
Gabriel dos Santos Lima
Jean Carlos Rodrigues
João Pedro Torrens Ferreira
Nathalia Pacífico de Oliveira
Paulo Cesar Drosda
Stefani Poliana Aristides
Victor Hausen
Wesley Marllus Pereira de Oliveira

Voluntários / Volunteers
Amanda Cristine Colasso
Evelyn Roberta Nimmo
Gabriel Ruvirao Gomes
Gerson Purkott Tuleski Júnior
Victor Cardoso Dorneles

Projeto Expográfico / Exhibition Design
Richard Romanini

Apoio / Support
LaID/Laboratório de Interculturalidade e Diversidade do Setor Litoral da UFPR
PET UFPR Litoral Indígena
PET UFPR (Programa de Educação Tutorial)
PROEC (Pró-reitoria de Extensão e Cultura)
PROGRAD (Pró-reitoria de Graduação e Educação Profissional)
UFPR Litoral
UFPR

Governador do Estado do Paraná
Governor of the State of Paraná
Carlos Massa Ratinho Junior

Secretário de Estado da Cultura
State Secretary of Culture
Hudson Roberto José

Diretora-Geral (SEEC)
General Director (SEEC)
Luciana Casagrande Pereira

Coordenador do Sistema Estadual de Museus (SEEC)
Coordinator of the Museums State System (SEEC)
Renê Wagner Ramos

Assessoria de Comunicação (SEEC)
Communication Consulting (SEEC)
Paulo Roberto Ferreira de Camargo

Assessoria de Design (SEEC)
Design Consulting (SEEC)
Rita Solieri Brandt

—
MUSEU PARANAENSE
Diretora / Director
Gabriela Bettega

Setor de Arquitetura e Design
Architecture and Design Division
Bruno Douat
Ingrid Schmaedecke

Setor de Antropologia
Anthropology Division
Maria Fernanda Maranhão
Josiéli Andréa Spenassatto

Setor de Arqueologia
Archaeology Division
Claudia Ines Parellada

Setor de História
History Division
Tatiana Takatuzi

MUSEU PARANAENSE

ENTRADA GRATUITA / FREE ENTRANCE

TERÇA A SEXTA 9h—17h30
SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS 10h—16h

*FROM TUESDAY TO FRIDAY 9am—5:30pm
SATURDAYS, SUNDAYS AND HOLIDAYS 10am—4pm*

 museuparanaense
 museuparanaense
 museuparanaense.pr.gov.br

Rua Kellers, 289
São Francisco — Curitiba, Paraná
 41 3304-3300
museupr@seec.pr.gov.br

realização

